



1

Chegando...

Chegar na África do Sul já foi diferente do que em outros países do mundo, pelo menos por dois pontos. O Aeroporto Internacional de OR Thambo (não me pergunte se OR é abreviatura de duas outras palavras, tampouco se Thambo é nome de gente) como todos os aeroportos do mundo de hoje está organizado, segundo essas normas internacionais, que nos ajudam a nos localizar e se virar neles. Tem área de embarque separado da de desembarque, banheiros amplos e limpos, área de alimentação, *free shop*, é bem sinalizado e espaçoso, enfim, tem todos esses aspectos que nos fazem sentir os aeroportos como 'não lugares', tal como Marc Auge propôs esse conceito. No entanto, os sulafricanos resolveram colocar o piso de granito (eu sei que granito tem todos os aeroportos), formando desenhos que se parecem muito com aqueles que inúmeras nações negras (e indígenas também) inventaram para suas cestarias, suas roupas, seus adornos. O chão do aeroporto é, assim, singularmente sul africano e me deixa com vontade de lembrar dele muito bem.



Acima a variedade de granitos que compõem o mosaico do piso do aeroporto.

Outro ponto que distinguiu esse aeroporto de outros é o pessoal de acolhida. Eles não têm pressa, como os funcionários de outros aeroportos do mundo. Enquanto você os espera na fila, com aquela cara de mal dormidos e a típica expressão de expectativa (será que eles vão arrumar algum problema com o meu passaporte?), eles vão dando a si a maior importância do mundo, carimbando lentamente os documentos, depois de inserir os dados (digitando só com dois dedos) mais lentamente ainda no micro, como em outros aeroportos do mundo. No que eles são diferentes? Eles riem. Riem para você e riem entre si, conversando alegremente com o colega do guichê ao lado. Não, não são esses sorrisos cordiais de boas vindas. Eles riem mesmo, mostrando seus dentes muito brancos. Mais do que riem, eles tocam em você. Isso mesmo, quando estava me preparando para passar no Raio X (tira lap top da pasta, tira os anéis do dedo, torce para não disparar a sirene, porque está com preguiça de tirar as pulseiras, também por que ando com tanto badulaque, meu Deus?) o fiscal de plantão pegou, naturalmente, nas suas mãos, a pedra brasileira que eu trazia como um pingente no cordão do pescoço. Olhou mais de perto, ficou a 10 cm do meu nariz, virou para ver o outro lado da pedra, balbuciou alguma coisa. Eu pensei 'ele vai dizer que não pode entrar neste país com pedras vindas de outro'. Até isso? eu me perguntava. Será possível? Já não basta não poder carregar produtos do mundo animal e vegetal, agora também não podemos carregar produtos minerais, que não portam vírus ou bactérias? Mal eu terminava de formular minhas perguntas em silêncio, ele sorriu, soltou o cordão, tocou no meu ombro, disse que a pedra era muito bonita e me mandou passar.

Conclui, então, que tocar as pessoas é uma coisa que fazem naturalmente o que ajuda a entender, porque na fila do embarque na noite anterior em Guarulhos e mesmo dentro do avião, as alegres africanas cheias de bagagem e váriasss sacolinhas e mochilas (falavam português e devem ter ido ao Bom Retiro e à 25 de Março fazer compras para vender em Moçambique) encostavam-se, literalmente trombavam, na gente sem qualquer cerimônia.

Bem, já que eu resolvi registrar o aeroporto internacional não custa aproveitar para falar do Aeroporto de Hoedspruit, para onde o voo seguinte se dirigiu. Para começar, o avião que tomamos duas horas depois de chegar em Johannesburg era turbo hélice, esse modelinho chamado ATR, igualzinho ao que tomamos da ‘querida’ empresa Pantanal (não tenho coragem de escrever o apelido que o Eliseu deu a essa tão conhecida empresa entre aqueles que moram ou trabalham em Prudente e precisam se deslocar para São Paulo). As poltronas azuis, a mesma bolsinha defronte ao assento, dessas que estão sempre deixando as coisas caírem. O melhor desse voo era a aeromoça. Ao contrário das altas e lindas negras da South África Airlines, tratava-se de uma senhora loira (muito loira, desses loiros quase brancos e naturais, o que a exclui dos times das loiras burras), bem gordinha, extremamente gentil, que arrastava os sapatos para andar e nos tratava com gestos e um rosto que se parecia mais de nossa mãe, do que de uma aeromoça. Não se trata apenas de ter notado que ela não era uma aeromoça dessas que a representação social sobre aeromoças nos fez percebê-las. Caberia a ela o denotativo de ‘aerosenhora’, para não usar a expressão aerovelha que muitos atribuem às mais antigas da Varig, que operavam em seus voos internacionais. Ela nos tratava como se tivéssemos ido tomar um chá da tarde na casa dela, perguntando por que Eliseu resolveu pegar apenas um lanchinho para ele e para mim, insistindo que era pouco, informando, sorrindo “*no discount!*” no bilhete aéreo, para nos estimular a comer mais.

Pronto me perdi na sequência, agora é que fui lembrar que ia falar do Aeroporto de Hoedspruit. É um minúsculo aeroporto, próximo ao Kruger National Park, o maior do país numa grande região que eles chamam de “Blyde River Canyon e Kruger”, no extremo nordeste do país, já na divisa com Moçambique e Zimbábue.

Quando a porta do avião se abriu, mais uma identidade com Prudente, porque o calor infernal (um grau acima do típico clima equatorial, como conceituou o Tadeu Tomaselli) já nos invade, indicando que vamos mesmo ter férias de verão. Depois, a ida até as instalações do Aeroporto, num pequeno caminho de tijolos no chão e a entrada na sala principal, já mostravam mesmo que seriam férias.



Eliseu na chegada ao Aeroporto de Hoedspruit

Nada de sala de desembarque separada da sala de embarque, nada de indicação de como pegar as malas. Onde estavam as setinhas indicando as *toilettes*? Havia uma porção de jovens simpáticos com plaquinhas na mão indicando os nomes de hotéis, e não reconheci em nenhuma delas o nome do nosso, que eu acabara de esquecer.

Sento-me num sofazinho de canto para procurar o *voucher* – tudo organizadinho numa bolsinha, enumerado na sequência que eu iria utilizar, mas como agora era indispensável achá-lo para lembrar o nome do hotel, não o achava. Revejo tudo, o calor aumenta a sala começa a se esvaziar aos poucos (o avião era pequeno e eles eram ágeis para acolher os turistas). Quando, finalmente, encontro o *voucher* do Kapama River Lodge Hotel, sem ainda ter visto onde era a esteira para pegar as malas, vinha o Eliseu lá de fora, informando que já tinha encontrado nosso ‘receptivo’ e que as malas já tinham sido carregadas por uns negros fortes e simpáticos, confirmando todo nosso imaginário sobre essas viagens à África (você já viu isso num filme de Hollywood ou não?)

Kapama River Reserve

Lá subimos nós no enorme Land Rover 4 x 4, nós e um discreto japonês, discreto à primeira vista e nos dois dias seguintes em que compartilhou os safáris e o hotel conosco: esse era o Takashi.

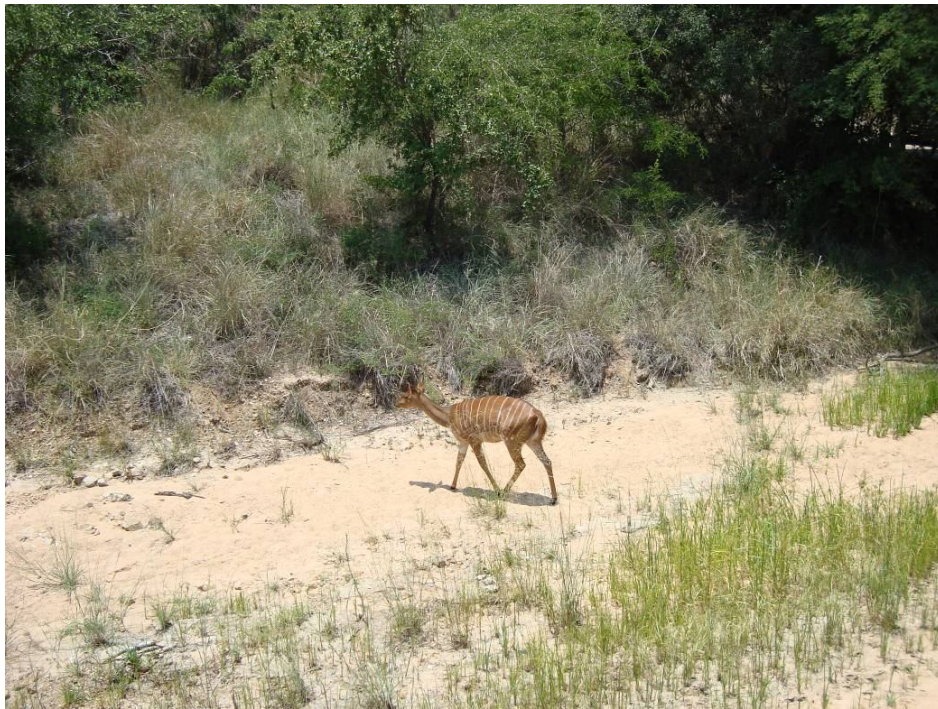
Mal começamos a fazer o trajeto, lá estavam as girafas bem no meio do caminho.



Durante esse trajeto do Aeroporto para o hotel, uns 15 minutos, observamos, de cara, que os biomas daqui são muito diferentes dos nossos do Brasil. Está certo que eu disse que esse diário não tinha nada a ver com eu ser geógrafa, mas não dá para guardar isso na gaveta, ou na geladeira para não estragar demais, antes de sair de casa.

O que eles chamam de floresta aqui (esse é o domínio natural, segundo o guia que justifica a existência deste enorme parque) é bem menos denso e diversificado do que as nossas florestas. Eliseu achou que se parece com um cerradão, embora os caules das árvores sejam muito diferentes daqueles do cerrado. Os estratos arbóreos

mais altos (não são tão altos assim) têm troncos longos sem uma folha, como se fossem árvores secas que mais se parecem esculturas ao ar, pois a madeira é clara e não tem as cascas grossas como as nossas, dando a impressão que elas foram lixadas e enceradas, Não sei se estão secas porque o verão não é uma estação de chuvas ou elas permanecem assim o ano todo. Deve ser só no verão, porque o rio que passa aqui ao lado do hotel, bem do lado da piscina, está completamente seco e numa das suas áreas de remanso, o hotel tem montado as mesas para o jantar. Depois conto sobre o jantar, mas veja a foto em que registrei veadinhos andando no que é o leito do rio, a 10 metros da piscina do hotel.



Voltando à vegetação, registro que havia muitos tipos de arbustos e muitas espécies arbóreas e eu não conhecia nenhuma. Não falo desse conhecimento que as aulas de Biogeografia teriam dado. Refiro-me a esse conhecimento visual que a vida nos oferece. Eu não tinha visto aqueles tipos de plantas ainda, o que mostra que as empresas de paisagismo não estão tão globalizadas assim. Já fiquei imaginando quais

poderiam dar certo no Viveiro e Floricultura (ou será Floricultura e Viveiro?) Vitória Régia, ali pertinho de casa, acessível para quando eu quisesse mudar o jardim.



Nestas duas fotos, dá para ver a aparência de cerradão e a 'escultura'



A chegada ao hotel me fez rever a máxima: “Nas fotografias e nos sites da internet é sempre mais bonito”, porque o hotel é mesmo muito lindo, me causando melhor impressão do que as imagens que vi na internet, antes de fechar o pacote.

Completamente africano no que interessa ser africano (arquitetura, materiais de acabamento, adornos, paisagismo, as vestimentas do pessoal que trabalha) e completamente ocidental no que eu sempre desejo fora de casa (cama deliciosa e banheiro maravilhosamente limpo e bem equipado).

A construção obedece a originais técnicas de edificação africanas. Eu havia lido no guia no voo de vinda, que se trata de grandes construções alongadas, cobertas por sapé ou sizal (a do nosso hotel é de sapé) e fechadas por uma cumeeira de barro. As paredes também são feitas de barro, entremeadas pelo que parecem ser pedacinhos de palha seca (Eliseu acaba de lembrar que os egípcios também amassavam barro com palha para construir). Por dentro, olhando-se para o telhado, as enormes ‘tesouras’ de madeira, feitas de um único tronco, sustentam as amarrações em sapé da cobertura. As portas do salão social e do restaurante são enormes, de madeira e se abrem muito, deixando essas edificações com uma sensação de que quase não tem paredes, e um micro clima muito agradável (é sempre gostoso vir do calor quente e entrar no hotel), Dê uma olhada na sequência de fotos adiante para observar alguns detalhes que eu descrevi.

As grandes edificações do hotel (apartamentos, restaurante, SPA etc) são separadas por vegetação nativa e interligadas entre si por pequenos caminhos de madeira, suspensos como longas e pequenas pontes, acima do nível onde está a vegetação para nos separar, provavelmente, dos insetos e, além disso, possibilitar a circulação dos animais de pequeno porte que circulam por lá.

Este tipo de disposição da construção, erguida sobre palafitas em alguns pontos, embora não tão elevadas, lembrou-nos o Aiau Tower na Amazônia, onde nem nos hospedamos de tão caro, mas onde passamos um dia para almoçar e conhecer. Bem, o Kapama lembrou o Aiaiu, mas não tem muito a ver, porque este aqui é de muito

bom gosto e o Ariaú é de muito, muito, muito mal gosto (em lembro bem que as colchas eram de tecidos sintéticos imitando onça e que havia flores de plástico, apesar da diária de mais de 500 dólares).

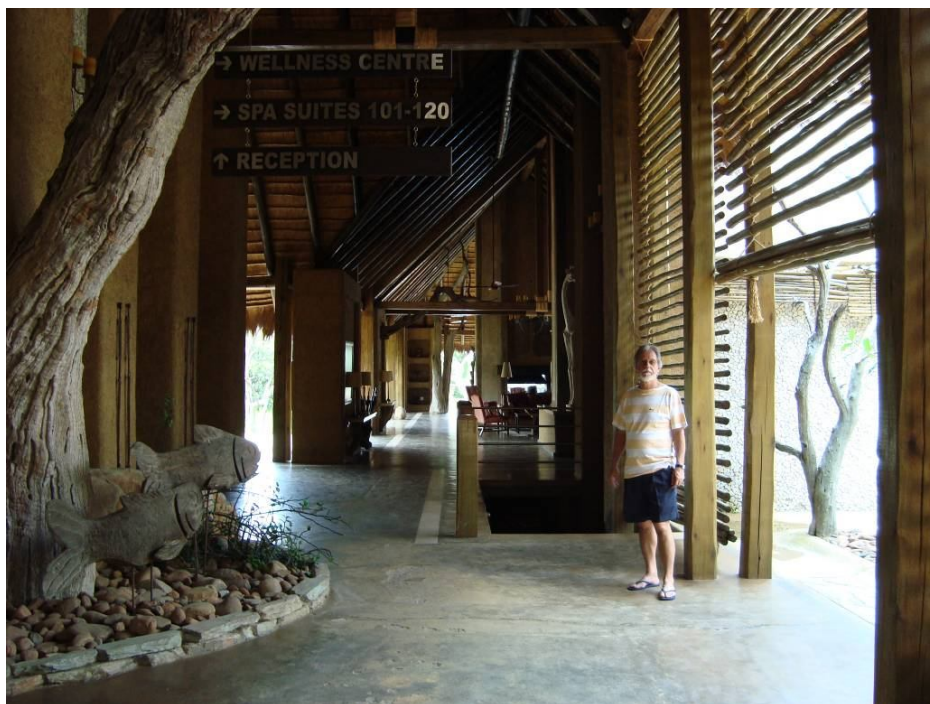


Aqui uma visão de conjunto do telhado e o detalhe da cumeeira





Nestas duas fotos, dá para observar como é bem amarrado sapé por dentro e é possível observar também como eles edificaram deixando as árvores. As três fotos mostram a iluminação e a ventilação naturais, possibilitadas pelo sistema construtivo.



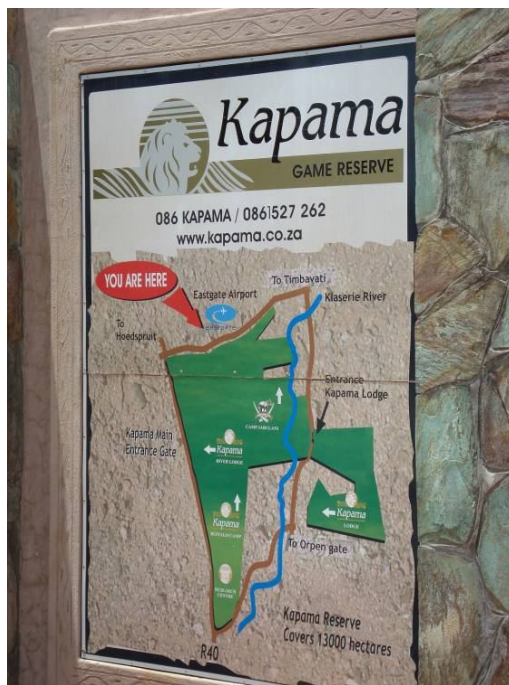
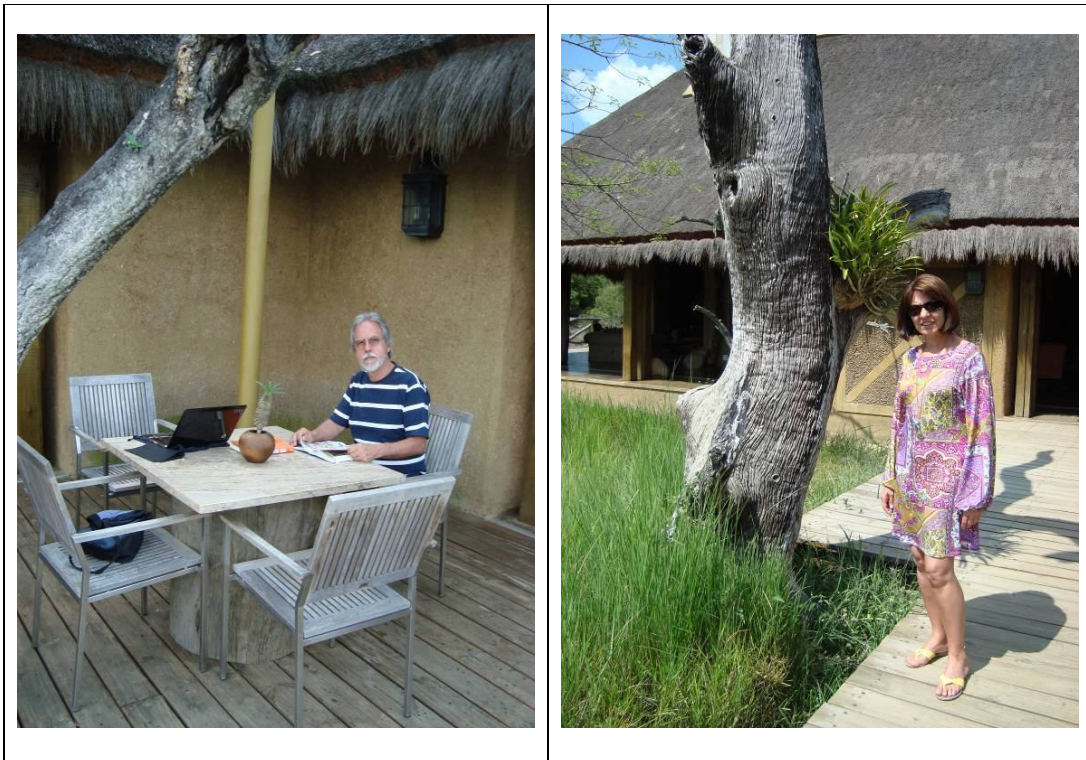


O detalhe do jogo de xadrez cujas peças são os animais africanos e as esculturas finas talhadas numa única peça de madeira, as quais estavam pelo hotel todo, mostram o capricho dos adornos tão próprios com os quais o hotel estava decorado. Já comecei a pensar em como carregar para o Brasil uma escultura desta (ela deveria ter mais de 1,5 m). Fui imediatamente, não sem razão, reprimida pelo Eliseu: “nem pensar em carregar isso na bagagem de mão do avião”. Nós ainda tínhamos alguns vôos nacionais para enfrentar antes de irmos para as Ilhas Maurício e voltarmos para o Brasil. Depois, mais tarde em Cape Town acabei comprando uma menorzinha que é a que está na primeira página deste arquivo.



Esse hotel está localizado na Kapama Private Game Reserve, onde há mais três hotéis. É muito interessante a origem dessa reserva que é particular. Um holandês, que já faleceu, e desejava preservar uma área natural, foi adquirindo propriedades que eram lindas ao grande Park Krueger que é o maior parque nacional da África do Sul (acho que já escrevi isso). Segundo o guia nos contou, muito tempo depois foi que

ele percebeu o potencial turístico da sua grande área e começou a construção desses hotéis. Hoje eles são administrados por seu filho e herdeiro que mora em Pretória.



Nas fotos acima, um pouco dos cantinhos gostosos que o hotel tinha.

Esse mapa, ao lado, está logo na entrada da reserva e, nele, estão assinalados os quatro hotéis que aí se localizam, todos de propriedade do mesmo grupo.

No hotel, há gente de vários países do mundo. Quando perguntamos ao garçom que nos servia sempre, o Michael, sobre quais as procedências que predominam, ele foi dizendo: ingleses, franceses, japoneses, alemães. De cara, não falou dos americanos, nem tampouco dos brasileiros, mas após nossa sugestão, aquiesceu concordando que eles também vêm.

Durante esses dois dias de estadia nossa, predominou um grupo de franceses, que se destacavam por fazer barulho. Quando estamos em grupos todos nós ficamos donos dos lugares, até os franceses que odeiam que se fale um pouco mais alto quando somos nós os turistas no país deles. Andavam extremamente perfumados (dá-lhe Dior, Calvin Klein, Lancôme), ainda que esse bom odor se misturasse com o odor da falta de banho e de troca de roupa (por isso eles andam com essas malinhas tão leves e portáteis).

Havia também dois casais de brasileiros, com quem partilhamos um safári e um café da manhã. Um casal jovem e simpático, ele um executivo da Siemens, e um casal não tão simpático, ele um fazendeiro que deve pertencer à UDR, já que se referiu à proposta de lei “que nós” (nós quem?) estamos enviando ao congresso para acabar com essa exigência de reservas de 20% nas propriedades rurais,

A comida aqui no Kapama é do tipo internacional, ou seja, nada de grandes surpresas: saladas na entrada, pratos quentes sempre com algum tipo de carne, na sequência, sobremesas e café.

É claro que sempre tem diferenças e aspectos a serem observados: o frango estava em todas as refeições e não serviram outro tipo de carne; sempre tem um prato com cogumelos, gigantescos e negros, como salada, marinados, ensopados, como quiche; havia o que eles chamam de couscous (assim mesmo em francês, embora eles falem inglês) e nada mais é do que uma farofa pouco temperada cheia de laranja em cima; muitas coisas que fazemos com batata, como purês etc, eles fazem com milho; os molhos tanto frios para saladas como os quentes, frequentemente têm pimenta e

algo que os torna agridoces (se a Leny estivesse aqui já teria decomposto o molho em todos os seus ingredientes),

Bem, eu comentei sobre eles falarem inglês. Não é, assim, tão simples. Quando brancos falam com negros, eles utilizam o africânder, que é língua oficial e se aprende na escola. Trata-se de algo muito peculiar que tem origem no holandês e aprendemos no livro didático de Geografia que é a língua boer. Ela não soa muito bem aos nossos ouvidos, porque tem aquele jeitão das línguas duras como o alemão, o húngaro e o próprio holandês, é claro. Sobretudo, quando os negros falam, fica parecendo fora do lugar, porque eles têm um rosto muito doce (isso daria outro parágrafo, a beleza zulu dos negros daqui) e sempre estão sorrindo. Todo nosso imaginário associa essas línguas duras aos povos disciplinados, muito trabalhadores e ortodoxos no jeito de ser. Os africanos do sul, tão alegres, mereceriam ter herdado uma língua mais cantada como o francês ou o italiano.

Quando eles falam conosco, tanto brancos como negros, falam em inglês, que também é língua oficial, aprende-se na escola e é utilizada nas placas de sinalização (uma sorte para nós, porque imaginemos nós decifrando o afrincânder para encontrar o caminho sem GPS). O interessante é que os brancos, que trabalham aqui no hotel (pessoal de gerência, recepção e guias) falam um inglês fluente. Os negros (os garçons, o cozinheiro que fica explicando os pratos no serviço do almoço, os carregadores de mala e as camareiras) falam um inglês muito pobre, com pequeno vocabulário e com dificuldades de pronúncia (até eu que não sei falar inglês, notei), denotando que essa não é mesmo a língua deles.

Quando conversam entre si, os negros falam uma terceira (quarta, quinta não sei) língua que é da nação negra deles. Essa deve ser a língua que eles usam em casa, porque falam muito, muito, muito rapidamente e nem se importam com a hipótese de que estão na sua frente e deveriam, por gentileza, falar inglês. Eles não estão falando de nós, como alguém mais inseguro poderia pensar, apenas estão falando, como apenas estão rindo todo tempo, sem se importar muito com certa conduta

que deveria ser a esperada num hotel internacional (fico sempre com pena, nestes hotéis mais caros do Nordeste, com o comportamento servil do pessoal que trabalha, pouco eficiente e muito servil, nada natural, porque devem ter sido ensinados assim nesses cursos profissionalizantes que tem por aí).

Os safáris...

Ah, os safáris, este tema merece todo destaque, porque não são se trata apenas de dos safáris, mas da liturgia que os envolve.

Assim, que se chega ao hotel, morto de cansado da viagem internacional, mais o trecho nacional, mais o trajeto de *land rover*, eles só querem explicar todas as informações sobre os safáris e você olha com aquele olhar de “tenho que prestar toda atenção”, primeiro porque meu inglês não é nada bom (é quase péssimo de tudo) e, em segundo lugar, para não pagar nenhum mico. Uma vez no Marrocos, com um guia francês – uma língua que compreendo bem – por não ter prestado atenção nessas explicações de receptivos, não fiquei sabendo que o jantar do dia seguinte era a fantasia e fomos os quatro, Eliseu, Caio, Ítalo e eu, elegantemente trajados para aquele jantar especial e lá encontramos todos fantasiados!!!!.

Bem, voltemos ao safári. Há sempre vários safáris previstos nos pacotes turísticos, Eliseu e eu tínhamos quatro no nosso pacote, mas resolvemos pedir à agência para diminuir para dois e aumentar nosso tempo livre para conhecer outras coisas. É compreensível que, na África, desejemos fazer safáris, tanto quanto no Brasil se ir às praias ou se sair para a gandaia! No entanto, quatro safáris seria demais.

Os safáris são feitos em dois horários – amanhecer e entardecer. O do final da tarde é precedido pelo chá que, em função da saída às cinco horas, é excepcionalmente servido às 4 horas nesse hotel. Sim, a influência e o domínio inglês, por aqui, não são sentidos só na língua oficial e na exploração do ouro e dos diamantes, mas também

na introdução do chá. É claro que chegando lá, ao restaurante, vi que também havia café (que alívio para uma viciada) sucos, pãezinhos e tudo mais que temos no nosso lanche ou naquela refeição, chamada por nós brasileiros, quanto tínhamos tempo para fazer isso, de “café da tarde”!

Depois do chá, todos vão para o pátio onde estão estacionados as land rover. Lá já estava nosso guia, Divan (vocês vão ver adiante, numa foto, como ele é bonito), que dirigia o veículo e ia dando todas as explicações. Ao seu lado, lá estava Giwa (se lê Guiva), que o que Eliseu conceituou de “o batedor”, já que seu papel é ir sentado num banquinho ao alto que fica na frente, para ir espreitando se há algum bicho por perto. O Giwa era sensacional, até no escuro ele vislumbrava os animais que, para nós, se misturavam às cores do solo e da mata. Acho que o Giwa conseguia até ouvir com os olhos e ver com os ouvidos, ou então, vai ver que tinha uns radares escondidos nas botas, o fato é que ele logo pressentia a presença dos animais.

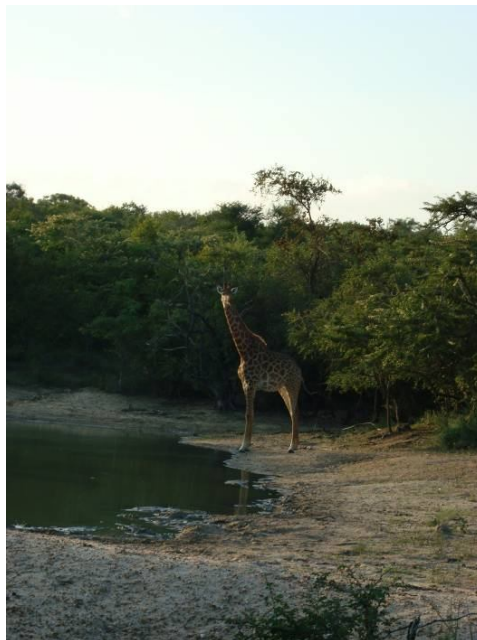
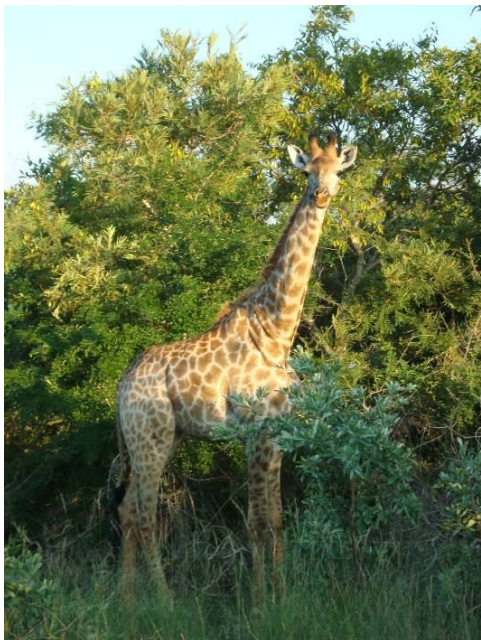


À esquerda, de costas, o Giwa fazendo o papel de batedor, à direita o nosso guia, Divan.

Antes mesmo de entrarmos no jeep, começam todas as explicações. Não podemos ficar em pé para tirar fotos, não podemos, em hipótese alguma, sair do veículo, quem quiser tirar uma foto especial é só dizer 'stop' etc etc etc.

O bom deste encontro no pátio, em que todos estão se preparando para pegar seus *land rover*, antes de ver os "bichos", é observar a fauna humana! Os franceses são um número à parte: todos trajados especialmente para fazer safári, com a roupa toda combinada, mas ninguém ousa portar uma camiseta, usam umas elegantes camisas cáquis, combinando com as bermudas cheias de bolsos, e as meias grossas próprias para quem vai enfrentar a Natureza. Os japoneses vestem roupas esportivas de marcas – as Nikes da vida – não se importam muito em usar estampado com xadrez, porque o fundamental é a praticidade da roupa e a adoção de um estilo ocidental de se vestir que essas griffes proporcionam. Os ingleses e escoceses vestindo roupas de marcas elegantes, clássicas, nada americanizadas, mas também não são grande coisas para combinar as cores. Um casal de hindus (deviam estar em lua de mel, porque se beijavam o tempo todo) estavam completamente inadequados para um safári. Não pense você que eles estavam com vestes hindus, nada disso, estavam com as mais extravagantes e coloridas roupas ocidentais (das mais bregas) incluso um chapéu vermelho de abas muito grandes, próprio para praia que a moça portava com seu traje hiper colorido (ela se distinguiria de todos na floresta, e seria a primeira que o leão veria, se quisesse atacar o grupo). Ah, os brasileiros? não fizemos feio, mas também não chamamos atenção, ainda bem.

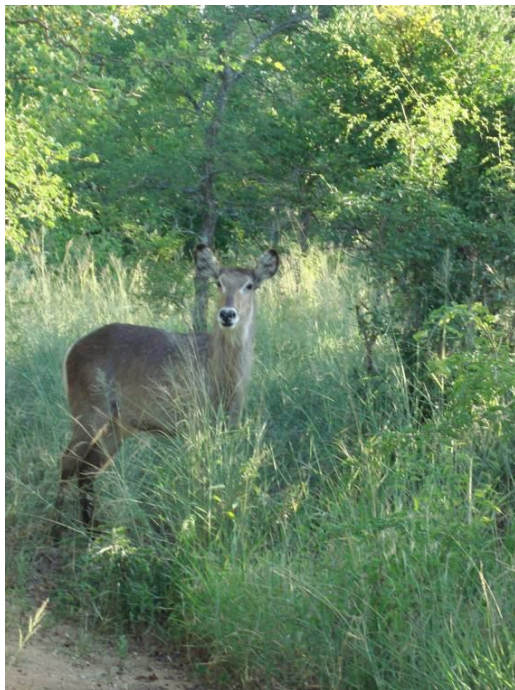
Lá saímos nós à busca dos animais. Como eu disse, Giwa era mesmo ótimo e cinco minutos depois já avistamos a primeira girafa e vieram outras no decorrer deste entardecer e na manhã seguinte. As girafas merecem o título de 'as *top models* da África do Sul', porque são muito esguias, elegantes, andam rebolando para manter o equilíbrio e ainda por cima posam para nossas fotos.



Nas duas fotos acima, elas (em cada foto é uma girafa diferente) se viraram como que adivinhando que seriam fotografadas. Aí abaixo ela ia andando calmamente na frente do nosso veículo,



Em seguida, apareceram os hipopótamos, mas eles nem merecem ter as fotos incluídas neste diário, porque não saíram direito de dentro d'água. O cervo olhava assustado e tentava se esconder na mata, mas estava muito perto de nós.



Aí está o cervo de frente e de costas.

Os búfalos aqui, na foto, nem parecem tão grandes como de fato, são



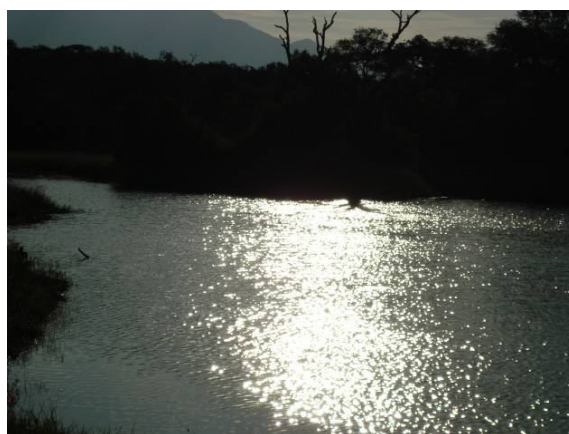
Os búfalos apareceram tranquilamente, no momento que o sol já estava se pondo. Embora o guia chamasse toda nossa atenção para esses animais que mais parecem seres pré-históricos, explicando mil detalhes, o sol em ocaso, por trás das árvores me parecia muito mais interessante. Aliás, esse foi um ponto que me chamou muita atenção: a fauna é um aspecto tão peculiar e notável, que todo interesse se volta para ela; ninguém se lembra de destacar a flora ou outros elementos quaisquer do quadro natural. Os impalas apareceram, quando ainda era dia.



É este aí o impala!



O sol brilhava muito neste dia. Enquanto o jeep andava, a sensação do vento era muito boa, mas à medida que parávamos, mesmo sendo final de tarde, quase noite, sentia-se o dia muito quente ainda.



Para mim, já estava de bom tamanho o safári, mas o guia falava, sem parar, pelo rádio, em africânder, com os guias que estavam em outros veículos. Daqui a pouco deu para entender o que estava acontecendo: estavam localizando um pequeno grupo de leoas.



A foto não está nenhuma maravilha, mas foi a primeira vez que vi leoas tão de perto. As idas ao Zoológico de São Paulo, quando eu era pequena não contam, porque lá havia as grades que nos protegiam.

Chegamos exaustos ao hotel e tivemos a surpresa de ver que o jantar era ao ar livre. Havia uma fogueira, com as mesas de 10 lugares (para cada grupo que partilhava o safári num jeep) formando um semicírculo como se fossem raios em relação ao fogo. Foi durante o jantar que pudemos conversar um pouco (quero dizer Eliseu conversava em inglês eu ouvia prestando uma atenção danada para entender) e, assim, conhecer quem era o “nosso” grupo: um casal muito simpático de escoceses (aqueles, os quais descrevi como vestidos classicamente para o safári), o Takashi,

nosso colega desde o traslado do Aeroporto, o casal de brasileiros (já falei sobre o Roberto que trabalhava na Siemens?) e chegando um pouco atrasados porque vinham de Maputo, onde estão com uns empreendimentos, vinha o tal fazendeiro, que julgo ser da UDR e imagino que tinha consigo uma namorada extra (a jovem com a metade da idade dele falava muito pouco e se comportava como uma convidada e não com a esposa ou companheira dele).

Durante todo o jantar, Divan só voltava ao assunto do safári. Frisava o quanto tinha sido bom, lembrava de outros safáris e ia abrindo expectativas para o do dia seguinte. Acho que ele queria mesmo era levantar a moral da tropa, que, nesta hora, cansada não estava tão animada para acordar às 5 horas da manhã para o segundo safári. Este era o dia que se seguiu à noite que dormimos (digo passamos) no avião.

Como bons turistas que têm que fazer tudo previsto e viver mais todos os imprevistos que aparecem, não íamos deixar o cansaço nos abater. No dia seguinte, às 5 horas da manhã lá estávamos prontos para o segundo safári. Neste dia, Divan explicou que, na África do Sul, eles se referem aos “big five” para falar dos cinco animais mais valorizados num safári: o búfalo, o elefante, o rinoceronte, o leão (leoa não vale) e o leopardo. Eu fiquei um pouco decepcionada de saber que a girafa e a zebra não estavam nesse grupo seletivo, mas saímos com a empreitada de encontrar os cinco grandes e quase tivemos sorte total. Aliás, aproveito para registrar que nas notas de maior valor do dinheiro na África do Sul – os hands – não há marechais, não há presidentes, não há heróis (verdadeiros e fabricados), mas sim a estampa dos “big five”.

Voltando ao safári, além dos que já havíamos visto no dia anterior (e vimos outros da mesma espécie nesta manhã) o daquela manhã valeu pelo elefante e pelo leão. Não vimos o leopardo, e nem Takashi e os outros brasileiros que fizeram mais dois safáris, mas não faz mal porque se tem alguma desculpa para, uma dia na vida, fazer outro safári.

O elefante, apesar do tamanho, é mesmo uma graça e fica mais simpático ainda quando está com o filhote. Ele come 200 kg de comida por dia. É mole?

As árvores sob as quais fotografamos os elefantes são a amarula, que dá a frutinha preferida dos elefantes. Lembrem-se que na garrafa de Licor Amarula, que eu adoro, tem elefantes no rótulo?



Não deu certo de fazer nenhuma foto do filhote, Ele estava super tímido!



O rinoceronte é outro que passa a imagem de pré-histórico com sua pele grossa e enrugada (embora seja jovem, pelo que se depreende do tamanho dos chifres – deve ser duro ser jovem e já ter tantas rugas).



O rinoceronte não foi nada simpático, não quis fazer nenhuma pose legal no primeiro momento (fotos acima), mas depois com o filhote foi possível uma foto melhor (foto na página seguinte).
Vejam que nosso carro estava muito próximo, porque minha máquina não tem zoom muito poderoso.



O encontro com o leão foi espetacular, com direito à corrida de jeep, logo que Giwa obteve por rádio a informação de onde estava o rei da floresta. Duas explicações foram muito interessantes. A primeira ajudou a gente a entender, porque chegamos a 5 ou 6 metros do leão e ele não atacou. Segundo nosso guia, ele olha para o jeep conosco dentro e vê uma única coisa – um animal maior e mais forte do que ele, por isso merece respeito. Se um de nós descesse do veículo e saísse andando, ele distinguiria essa pessoa como um animal menor e passível de ser atacado, os outros dentro do jeep continuariam a formar um bloco só, um bicho só, desde que não ficassem se mexendo e falando sem parar.

Uma segunda explicação dada, por ele, a uma pergunta feita por nós, dizia respeito ao fato de que víamos um leão e várias leas. Como assim? A população desse animal não era, mais ou menos, metade macho e metade fêmea? Sim era, mas ali estávamos vendo o leão que venceu a todos os outros daquela reserva e por isso tinha direito de ficar com todas as fêmeas naquele período de cio. Ele copula a cada 20 minutos quando está no cio, dá para imaginar? Se outro leão entrar no espaço demarcado por ele e

vencê-lo tem direito a ficar com todas as fêmeas e ainda a matar os filhotes dele.
Cruel não? Isso ajuda a entender porque ele tem esse codinome de o “rei das selvas”.



O leão fica sempre rondando para demarcar seu território e toda vez que a leoa se levanta ele a segue. De vez em quando, fazia uma investida, mas naquele momento, com tanta gente olhando, a leoa não topou nada. Do nosso jeep registramos a foto do pessoal no outro.



Os leões foram os mais fotografados por nós, porque eles ficaram ali, como se não fosse nem com eles. Foi difícil fazer a seleção, mas a última foto, tirada pelo Eliseu mereceu destaque neste quadro

Neste safári do amanhecer, houve ainda um momento para o café. Giwa, nosso batedor e assessor para todos os assuntos no safári, tirou uma malinha do jeep que tinha até mesa portátil dentro dela. Divan, nosso guia, foi explicando como os animais ao se limparem da lama, vão deixando marcas nos caules que estão caídos por ali.



Aí está nosso guia (nossa, só tenho foto dele de costas!) mostrando as marcas de lama no galho seco da árvore.

Abaixo, já está a foto do nosso café na "floresta", que foi montada enquanto ouvíamos as explicações





O sol estava ainda baixo quando paramos para o café da manhã

Enquanto ouvíamos as explicações e tomávamos o café (tinha chá, evidentemente, mas eu preferi o café), apareceram as zebras do outro lado do lago.

Inicialmente, eu me animei toda para fazer umas fotos mais de perto, mas logo o guia explicou que era necessário fazer silêncio absoluto, porque elas são muito fugidias e só andam em grupo justamente porque temem os outros animais da floresta.



As zebras chegando em grupo e todas tomando água ao mesmo tempo



Depois de tanto safári, passamos o restante do tempo hospedados no Kapama, aproveitando a piscina e visitando o hotel. Vejam abaixo as fotos do SPA que havia neste complexo. Nem deu tempo para curtir esse espaço.

